

Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados

**O ÓCIO E O DEVER:
DISCURSOS SOBRE O TRABALHO EM *O CORUJA*, DE ALUÍSIO AZEVEDO, COMO
EXEMPLO DE ROMANCE PSICOLÓGICO**

*Marina Rodrigues de Oliveira**

*Ângela Francine Fuzza***

*Lívia Chaves de Melo****

RESUMO: *O coruja* (1890), de Aluísio Azevedo, aborda a representação do trabalho docente e do ócio, por meio de duas personagens principais que os representam, respectivamente, André e Teobaldo, cujas diferentes trajetórias tornam-se patentes, ao longo da referida obra, através do diálogo; devido à grande importância deste instrumento e compreendendo-o dentro de uma realidade histórica, este artigo, adotando o conceito do romance psicológico, de Bakhtin, analisa como o narrador azevediano problematiza a questão servil em nosso país e como se encontra diretamente relacionada ao aspecto socioeconômico, durante a transição secular em voga. Para isso, o estudo contempla tanto as considerações apresentadas pela Crítica Literária como pela Linguística. A categoria de romance psicológico, empregada por Bakhtin, corrobora para refletir as questões sociais por mostrar que aqueles que, de alguma forma, encontram-se à margem da sociedade, assim o permanecem, uma vez que não conseguem se adequar à lógica capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: *O coruja*; Trabalho; Romance psicológico; Bakhtin.

Introdução

O século XIX, no Brasil, é um período concretizado por várias transformações, dentre as quais, pode-se destacar a mudança do sistema monárquico para o republicano e, paulatinamente, a extinção do regime escravocrata. Além desses aspectos político-econômicos, observa-se, também, a publicação de várias obras literárias de grande importância, dentre as

* Doutoranda em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO).

** Doutora em Linguística Aplicada, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Relizou estágio de pós-doutoramento em Linguística, pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc) e em Letras, pela Universidade Estadual de Maringá. Professora Adjunta da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras/Porto Nacional) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL/Araguaina).

*** Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Câmpus de Porto Nacional.

quais se insere o romance que aqui será analisado, *O coruja*, de autoria do romancista maranhense Aluísio Azevedo, cuja primeira edição data de 1890.

A obra supracitada tem, por enredo, a história de André Miranda de Melo e Costa, jovem órfão que, após a morte da mãe, vai morar com o padre João Estêvão, seu padrinho. Este, cansado da aparente ingratidão do rapaz, resolve, então, matriculá-lo em um colégio interno, onde André sofrerá uma série de preconceitos, decorrentes tanto da má aparência física, o que lhe renderá o apelido de “Coruja”, quanto de problemas na dificuldade de socialização.

Em meio a esse novo e hostil ambiente, André conhece Teobaldo Henrique de Albuquerque, um estudante recém-chegado, filho de uma família aristocrática, polido, bonito e bastante simpático. A diferença de personalidade de ambos não impedirá a empatia inicial que se estabelece quando o Coruja defende o colega em uma briga com os outros alunos, gerando, assim, uma amizade que perdurará por muitos anos.

O tema da aproximação entre opostos não é, entretanto, o principal foco do romance azevediano, mas a representação do trabalho, uma vez que a maior parte da narrativa consistirá em apresentar a desvalorização da carreira docente, escolhida por André, em detrimento do ócio e da ascensão social, gerada pela política de favores, correspondente à trajetória de Teobaldo. Além disso, a formação do caráter do Coruja também se torna um importante aspecto, pois mostra “[...] um herói passivo cuja alma é muito larga para adaptar-se ao mundo” (FIORIN, 2011, p. 88), o que permite caracterizar a obra como um romance psicológico, segundo os preceitos bakhtinianos, apresentados no decorrer deste texto.

Para analisar como as questões mencionadas se apresentam, será feita uma análise, sob a ótica da teoria bakhtiniana, no tocante ao discurso. O referencial adotado contemplará tanto estudos feitos pela Crítica Literária, para esmiuçar questões relativas ao estudo da obra supracitada, a exemplo dos realizados por nomes como Sodré (1965), Fanini (2003), Schwarz (2003), Prado (2015), Moisés (2016) e Oliveira Lima (2018 [1912]) –, quanto os da Linguística, no tocante aos princípios do estudioso russo, como Elichirigoity (2008), Bakhtin (2003 [1952-1953], 2013 [1953]), Fiorin (2011), Maciel (2014a, 2014b), Marchezan (2018) e Guimarães e Sobral (2018)

Dialogismo e crítica literária: considerações iniciais

Com intuito de verificar como as relações entre o dialogismo e a Crítica Literária podem ser vistas, dentro do romance *O Coruja*, de Aluísio Azevedo, esta parte do artigo será dividida da seguinte forma: primeiramente, serão tecidas algumas considerações acerca dos

seguintes preceitos bakhtinianos – a tipologia do diálogo, os diferentes discursos, diferença entre a prosa e a epopeia; posteriormente, traçar-se-á um breve percurso, a mostrar as considerações já realizadas pelos estudiosos da obra de Aluísio Azevedo. A seção seguinte une os referenciais teóricos, a fim de discutir como *O Coruja* pode ser considerado um romance psicológico, bem como ele reflete as questões sociopolíticas do Brasil da década de 1890.

Breves considerações sobre relações dialógicas e o estudo do romance na perspectiva do círculo de Bakhtin

A Linguística, até o começo do século XX, era centrada ora nos princípios do subjetivismo idealista, representado pela corrente do pensamento de Wilhelm Humboldt, caracterizado pela negação dos fatores sociais e interacionais presentes na enunciação linguística, atribuindo ao sujeito um viés centrado nas questões psicológicas e individuais. Por outro lado, o objetivismo abstrato, baseado nas ideias do estruturalismo saussurianos, via a língua como sistema abstrato e não como interação verbal, analisada sob um viés monológico e individual.

Ao romper com essas duas perspectivas, os estudiosos do Círculo de Bakhtin, em obras, como *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2002 [1929]), *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2003 [1952-1953]) e *Problemas da poética de Dostoiévski* (BAKHTIN, 2013 [1953])¹, irão (re)estudar a comunicação linguística, passando a percebê-la sob uma perspectiva social e dialógica, o que significa vê-la “atravessada” por vários discursos, que se estabelecem nas interrelações mantidas pelos falantes, cujos enunciados encontram-se circunscritos dentro de uma realidade histórica, política e social específica.

Bakhtin, diferentemente de Saussure, não limitou seus princípios apenas à questão linguística *per se*, estudando o dialogismo a partir da leitura dos romances de Dostoiévski, fato que resultou na obra *Problemas da poética de Dostoiévski*. A escolha pelos escritos do romancista russo dá-se pela riqueza com a qual o diálogo é trabalhado, refletindo questões existenciais bastante complexas. Segundo Bakhtin (2013 [1953], p. 47),

[...] Dostoiévski teve a capacidade de auscultar relações dialógicas em toda a parte, em todas as manifestações da vida humana consciente e racional; para ele, onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente *mecânicas* não são dialógicas, e Dostoiévski negava-lhes categoricamente importância para a compreensão e a interpretação da vida e dos atos do homem (sua luta contra o

¹ Segundo Faraco (2009), há uma polêmica quanto à autoria das obras *Freudismo, Marxismo e filosofia da linguagem* e *O método formal nos estudos literários*: os dois primeiros foram publicados sob o nome de Volochinov, enquanto o último, de Medvedev. Entretanto, não surgiram argumentações fortes para respaldar esta argumentação; por isso, neste trabalho, será adotada a dupla autoria de Bakhtin/Volochinov apenas à obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, postura também adotada por Faraco.

materialismo mecanicista, o fisiologismo em moda e Claude Bernard, contra a teoria do meio, etc.). Por isso todas as relações entre as partes externas e internas e os elementos do romance têm nele caráter dialógico; ele construiu o todo romanesco como um ‘grande diálogo’. No interior desse “grande diálogo” ecoam, iluminando-o e condensando-o, os diálogos composicionalmente expressos das personagens; por último, o diálogo adentra o interior, cada palavra do romance, tornando-o bivocal, penetrando em cada gesto, em cada movimento mímico da face do herói, tornando-o intermitente e convulso; isso já é o “microdiálogo”, que determina as particularidades do estilo literário de Dostoiévski. (BAKHTIN, 2013 [1953], p. 47)

O grande diálogo seria fruto das relações estabelecidas ‘em pé de igualdade’ entre o autor, o narrador e os personagens que integram o romance. Trata-se das tensas relações dialógicas de confronto de ideias/posicionamentos ou concordância entre os diferentes personagens. Nesta fusão, configurar-se-iam, ainda, as questões mais pertinentes a uma determinada época; conforme Maciel (2014b, p. 3462), no caso de Dostoiévski, a temática, então em voga, seria a religiosidade, mais especificamente, a questão da crença em um Ente supremo e, em Azevedo, na obra, aqui em análise, as relações sociopolíticas associadas ao trabalho.

Além do grande diálogo, destacam-se, nos trabalhos de Bakhtin, particularmente em *Problemas da poética de Dostoiévski*, outras duas configurações das relações dialógicas, o microdiálogo e o diálogo composicionalmente expresso. Este corresponderia, como afirma Maciel (2014b, p. 3463), ao “diálogo real”, sendo uma representação das formas mais corriqueiras de comunicação discursiva, enquanto aquele se caracterizaria por ser uma sequência de diálogos que ocorrem dentro de uma única consciência, o que pode ser observado, por exemplo, quando uma personagem, diante de uma situação de conflito, começa, de forma caótica, a externar seus pensamentos para o leitor, como ocorre na novela *O duplo*, de Dostoiévski, em que Goliádkin, nervoso por não conseguir expulsar uma visita indesejada, começa a se autotrecriminar.

Outra importante questão, presente nos estudos de Bakhtin, diz respeito aos tipos de discurso presentes na prosa, quais sejam: o referencial direto orientado para o referente, o objetificado e o bivocal. Convém frisar que essa classificação aborda os modos de relacionamento entre as palavras de dois sujeitos – distinguindo-se, portanto, das configurações dialógicas, que englobam uma percepção mais global da narrativa, incluindo, simultaneamente, as figuras do autor, narrador e personagens.

O discurso referencial direto, orientado para o referente, centra-se em abordar, exclusivamente, a questão de um objeto que está sendo narrado/descrito no romance – não há, assim, foco em que o anuncia, tampouco, um aprofundamento em suas relações sociais; o objetificado é aquele no qual o autor da prosa faz do discurso de uma personagem seu objeto

e pode apresentar duas unidades de significação: a primeira, do personagem para o referente e a segunda, do autor voltado para a enunciação do personagem; o bivocal tem duas referências: uma que fala, no presente, sobre um referente e outra, no passado, que já o abordou.

Para além da tipologia discursiva, segundo Fiorin (2011, p. 87), outro ponto que merece atenção, dentro da obra do Círculo, presente em *Questões de literatura e estética* e *Problemas da poética em Dostoiévski*, é o estudo do romance, aspecto que é trabalhado não sob uma perspectiva meramente literária – como o fez, por exemplo, Aristóteles, em *A poética* –, mas incluindo também questões linguísticas, o que permite ao teórico russo entender o referido gênero literário como marcado pela heterogeneidade linguística, dado que, nele, circula uma série de “vozes” diferentes que não são convergentes: pelo contrário, acabam se divergindo, mostrando uma multiplicidade de discursos, sendo, portanto, dialógico e, por isso, oposto à epopeia, na qual há uma centralidade da linguagem, entendida, assim, como centrípeta e monológica.

O romance, de acordo com o tipo de herói, pode apresentar três diferentes tipologias, conforme assinala Fiorin (2011, p. 88):

1. segundo a abstração ou a identificação pela tese, ou seja, pela afirmação, há o romance do idealismo abstrato, em que a personagem tem uma consciência muito estreita para apreender a complexidade do mundo; os modelos desse tipo são *Dom Quixote*, de Cervantes, e *O vermelho e o negro*, de Stendhal;
 2. segundo a objetivação ou a alienação pela antítese, isto é, pela negação, há o romance psicológico, com um herói passivo cuja alma é muito larga para adaptar-se ao mundo; é o romance da desilusão romântica; o exemplo prototípico nessa categoria é *Educação sentimental*, de Flaubert;
 3. segundo a mediação ou a nova totalidade pela síntese, ou seja, pela negação da negação, há o romance de formação, em que a renúncia consciente não é nem resignação nem desespero; o representante típico dessa classe são *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, de Goethe.
- Este último tipo é uma síntese das duas primeiras formas e apresenta a reconciliação do homem problemático com a realidade social [...] (FIORIN, 2011, p. 88).

Após essas considerações iniciais dos preceitos bakhtinianos, serão vistos, no próximo tópico, os estudos já feitos pela Crítica Literária a respeito do romance *O Coruja* para, em seguida, realizar uma análise da obra em questão, visando discutir como ela pode ser concebida como um romance psicológico.

***O coruja*: o que já foi dito pela crítica literária?**

O coruja, romance de Aluísio Azevedo, foi estudado ao longo de diversas épocas pela Crítica Literária. Dentre os vários trabalhos que assim o fizeram, serão retomadas neste artigo as contribuições de Sodré (1965), Fanini (2003), Prado (2015), Moisés (2016) e Oliveira Lima (2018 [1912]).

Sodré (1965, p. 175-176), ao traçar um histórico acerca do Realismo-Naturalismo, no Brasil, comparando-o à realidade europeia, sobretudo, portuguesa, retoma os elogios feitos por outro crítico, Araripe Júnior, que reconhece no romancista maranhense um escritor com grandes qualidades estilísticas:

[...] Em 1888, escrevendo no *Novidades*, o crítico cearense reafirmaria o julgamento anterior: 'N' *O Mulato* existe, em germe, o Aluísio Azevedo que depois se manifestou na *Casa de Pensão*, na *Filomena Borges*, n' *O Coruja*, n' *O Homem*; e as qualidades que ali esplendem são as mesmas que lhe têm criado tropeços na execução de alguns livros não contidas em fórmulas de sua índole; são as mesmas que já anunciavam, em dois de seus romances, um observador de raça, e que farão d' *O Cortiço*, segundo as probabilidades, um romance nacional, na verdadeira acepção da palavra' (SODRÉ, 1965, p. 175-176).

Fanini (2003, p. 183-184), na tese intitulada *Os romances folhetim de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas*, enfatiza como *O coruja* foge a eventuais clichês típicos do Realismo-Naturalismo, configurando-se como uma obra que traz uma forte crítica social, ao contrapor os perfis das personagens principais, André e Teobaldo, mostrando, respectivamente, que o destino daqueles que ocupavam os lugares mais subalternos se contrapunha à hegemonia que a burguesia ainda preservava.

Prado (2015), no artigo *Aluísio Azevedo e a crítica*, retoma as análises outrora já feitas por estudiosos como Sílvio Romero, Araripe Júnior, Lúcia Miguel-Pereira e Antonio Candido. Ao fazer esse extenso trabalho, são contrapostas duas visões: uma primeira, que enxerga o autor de *O coruja* como uma espécie de discípulo de escritores franceses até então em voga e outra, que o percebe como um escritor inovador:

Fecha-se, com essa hipótese do temperamento exterior excitável, uma espécie de primeiro ciclo no conjunto da fortuna crítica de Aluísio Azevedo. Derivadas da crítica naturalista, essas primeiras balizas de interpretação revelaram, como vimos, um romancista de um lado definido como discípulo acadêmico do naturalismo francês, movimento do qual decorriam os principais critérios utilizados para explicá-lo literariamente e afinal compreendê-lo; e, de outro, ainda no espelho dos pressupostos estéticos da escola europeia, saudado ora como um autor marcado pela tradição romântica, responsável, segundo alguns críticos, pela contaminação lírica do seu projeto científico, ora como um escritor realista puro, inovador e decisivo na superação daquele momento de transição que se seguiu ao esgotamento do romance romântico [...]. (PRADO, 2015, p. 64).

Moisés (2016), por sua vez, no capítulo "Realismo", que compõe a obra *História da Literatura Brasileira, volume II: do Realismo à Belle Époque*, classifica os romances azevedianos em dois grupos: os que apresentam traços mais semelhantes ao Romantismo – *Uma lágrima de mulher* (1880) e *O mulato* (1881) – e aqueles que já se filiam esteticamente ao projeto do Realismo-Naturalismo – do qual *O coruja* torna-se exemplo. Essa divisão, que muito se assemelha ao que ocorre com a fortuna crítica de Machado de Assis, escritor contemporâneo de Aluísio Azevedo, é transcendida em Moisés (2016, p. 37-8) por uma análise mais profunda

de *O coruja*, cujo estilo se aproxima do romance de aprendizagem. por mostrar a ascensão social de Teobaldo, por meio da política, em detrimento da ruína do amigo, André.

Oliveira Lima (2018 [1912]), no ensaio intitulado *Escritores brasileiros contemporâneos: Aluísio Azevedo*, reitera a comparação entre os estilos machadiano e azevediano, mostrando que ambos se aproximam pelo uso da ironia para denotar, sobretudo, o pessimismo, como o faz o romancista maranhense em obras como *O cortiço* e *Casa de pensão*. No tocante ao romance *O coruja*, o crítico pernambucano o classifica como um romance psicológico patológico – por mostrar que traços da psique podem estar relacionados ao surgimento de doenças, principalmente as de natureza nervosa, fato que somado a outros traços literários, como o realismo pouco asseado, o grau de intensidade mais acentuada – que implica na compaixão espontânea – tornam o referido livro como o mais atraente escrito por Aluísio Azevedo; por outro lado, Oliveira Lima classifica como inferiores a composição geral das personagens, a banalidade dos diálogos e o contraste entre os perfis de Teobaldo e André.

***O Coruja*: um exemplo de romance psicológico**

Neste tópico, será feita a análise do romance *O coruja*, a fim de mostrar como pode ser considerado, partindo da teoria bakhtiniana, um exemplo de narrativa psicológica, a partir da qual será observado o papel do herói, representado por André, uma das personagens principais. Além deste propósito, também ver-se-á de que forma os discursos do Coruja e de Teobaldo, seu amigo, refletem a organização social do Brasil, no fim do século XIX e, simultaneamente, assinalam a visão crítica e irônica do narrador azevediano acerca do trabalho docente e do político. Para estes últimos aspectos, caberá uma retomada das considerações já feitas pela Crítica Literária.

Conforme foi citado anteriormente, *O coruja* é uma obra que aborda o universo do trabalho, a revelar dois polos opostos: o do personagem-título, cujo verdadeiro nome é André, que acaba seguindo a carreira docente, e o de Teobaldo, jovem burguês, para quem a total ausência de uma vocação profissional, somada a fatores como a posição social privilegiada e as boas relações interpessoais advindas desta, acabam por alavancá-lo à carreira política.

Se considerarmos o contexto brasileiro do século XIX, podemos observar que as personagens mencionadas “corporificam” a estrutura social do país, dividido entre os senhores – uma vez que, no romance, ainda é mostrada a realidade antes da promulgação da Lei Áurea – escravos, agregados e os profissionais que começavam a surgir. Este aspecto é bem assinalado por Schwarz (2003, p. 15-16), em *Ao vencedor, as batatas*:

[...] Esquematisando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes da população: o latifúndio, o escravo e o 'homem livre', na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. [...] Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc. Mesmo profissões liberais, como a medicina, ou qualificações operárias, como a tipografia, que, na acepção europeia, não deviam nada a ninguém, entre nós eram governadas por ele. E assim como o profissional dependia do favor para o exercício de sua profissão, o pequeno proprietário depende dele para a sua segurança de sua propriedade, e o funcionário para o seu posto [...] (SCHWARZ, 2003, p. 15-16).

Essa polarização presente na obra vai se materializar por meio dos discursos de Teobaldo e André: enquanto este reflete por meio da fala uma posição subalterna e altruísta, aquele apresenta um comportamento egoísta e avesso aos estudos, como fica patente na passagem abaixo:

[...]
 — Trago-te isto, disse-lhe Teobaldo apresentando-lhe os objetos que comprara.
 — Uma flauta! Balbuciou André no auge da comoção. — Uma flauta!
 — Vê se está a teu gosto.
 Coruja ergueu-se da cadeira, tomou nas mãos o instrumento, e experimentou-lhe o sopro, e ficou tão satisfeito com o presente do amigo que não encontrou uma só palavra para lho agradecer.
 — Que fazias tu? perguntou-lhe Teobaldo.
 Mas correu logo os olhos pelo trabalho que estava sobre a mesa e acrescentou:
 — Ah! É ainda o tal catálogo!
 — É exato
 — Gabo-te a paciência! Não seria eu! (AZEVEDO, 1947, p. 39).

Percebe-se, na passagem reproduzida, uma relação de discursos fundamentados na troca e assimetria: enquanto Teobaldo ostenta sua riqueza, discursivamente marcada no trecho “apresentando-lhe os objetos que comprara” e, posteriormente, reforçada na ordem dada a André, “vê se está a teu gosto”, o Coruja apresenta uma série de comportamentos que denotam o maravilhamento com o presente, a gratidão ao amigo e a incapacidade de adquirir bens de valor tão alto, numa postura que se assemelha a de um bebê, denotada pelo processo verbal “balbuciou”. André é incapaz, neste momento, de ver qualquer maldade nas ações do amigo, fato este que já assinala uma personalidade bastante ingênua e passiva, típica do herói do romance psicológico, conforme sinaliza Fiorin (2011, p. 88); na sequência, as diferenças veem novamente à tona, desta vez em relação ao trabalho: o Coruja é disposto para tal, uma vez que seu objetivo é escrever um compêndio sobre a História do Brasil, ao contrário de

Teobaldo, que desdenha tal empreendimento e, simultaneamente, mostra-se avesso ao esforço, posturas bem presentes na fala, que ganha mais ênfase pelo uso dos pontos de exclamação, “Gabo-te a paciência! Não seria eu!”.

Ao chegarem à fase adulta – dado que a passagem anterior se dá quando André e Teobaldo são estudantes, em um colégio interno –, as duas personagens em questão acabam indo morar juntas, na Corte, na tentativa de ingressar no Curso Superior ou conseguir algum trabalho remunerado. Mesmo aparentemente tendo objetivos afins, acabam por seguir caminhos opostos: Coruja torna-se o único provedor do lar, tornando-se professor, uma vez que Teobaldo não se esforça para prosseguir com seus estudos, tampouco tem disposição para trabalhar, como mostra a passagem adiante:

[...]

Com o seu gênio altivo, com a educação que tivera, Teobaldo não podia insistir em tais pretensões [de se tornar teatrólogo]. Era bastante perceber um gesto de má vontade ou de pouco caso para lhe subir o sangue às faces, e muito fazia já conseguindo reprimir a cólera que se assanhava dentro dele, sôfrega por escapar em frases violentas.

[...]

Todavia o tempo ia-se passando e o círculo das necessidades apertava-se cada vez mais.

Coruja era agora o único sustentáculo da casa, era quem pagava o aluguel, a pensão de comida para Teobaldo (que ele continuava a almoçar e jantar no colégio), era quem lhe pagava a lavadeira, e quem lhe fornecia dinheiro.

Mas tudo isso era feito com tamanha delicadeza, com tanto amor, que Teobaldo, quando lhe aparecia qualquer revolta do caráter, ficava mais envergonhado de seu orgulho do que com receber aqueles obséquios. (AZEVEDO, 1947, p. 132-133).

Nesse trecho, percebe-se que, enquanto Teobaldo, mesmo diante das adversidades financeiras pelas quais passa, não tem disposição para reerguer-se, por meio do trabalho, André, já exercendo o magistério, abdica um pouco do eventual conforto que pode vir a ter – fato comprovado na passagem: “[...] que ele continuava a almoçar e jantar no colégio” –, ao prover financeiramente o amigo, atitude feita com bastante afeição. Este gesto altruísta endossa, mais uma vez, a bondade sem precedentes do Coruja, ratificando sua condição de herói de romance psicológico, o que o faz semelhante a outra personagem literária, o príncipe Mitchin, do romance russo *O idiota*, de Dostoiévski:

A semelhança entre *O coruja* e *O idiota* de Fiódor Dostoiévski apontada por Alcides Maya realmente se confirma, pois as personagens André e o Príncipe Mitchin, protagonista do romance russo, se parecem bastante tanto pela construção formal quanto pelas características principais de suas personalidades. A bondade ilimitada os assemelha e é exercitada nas relações sociais. São capazes das mais diversas proezas para ajudar seus semelhantes. Tudo e a todos perdoam, revelando-se quase santos, verdadeiros heróis virtuosos [...] (FANINI, 2003, p. 168-169)

Teobaldo consegue reerguer-se financeiramente, graças ao casamento com Branca, uma jovem de muitas posses e, posteriormente, às boas relações interpessoais, chegando ao

cargo de Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; André, por outro lado, permanece estagnado à carreira docente, tentando poupar economias para realizar seu casamento com Inezinha, uma moça pobre com aspirações também ao magistério, ao mesmo tempo em que continua rascunhando sua obra sobre a História do Brasil:

[...] No quarto, o ministro [Teobaldo], sem se mostrar nem de leve impressionado pelo aspecto de miséria que o cercara, tirou fora o paletó e pôs-se a examinar o que havia sobre a mesa do Coruja.
 O grande maço de anotações históricas, já suas conhecidas, era a coisa mais saliente entre todo aquele oceano de papéis e alfarrábios.
 — Está muito adiantado? perguntou, batendo com o dedo sobre as notas.
 — Pouco mais. Ultimamente não tenho podido fazer quase nada. Ainda me falta muito para concluir a obra.
 — Pois é tratares de concluir, que eu te arranjarei a publicação dela à custa do governo.
 — Prometes!
 — Ora!
 — Ah! só assim tenho esperanças de não perder o meu trabalho, porque juro-te que já ia-me fugindo o gosto...
 — Podes ficar certo que a tua história será impressa.
 — Não calculas o alegrão que me dás com essas palavras!
 — E então digo-te mais: a obra será adotada na Instrução Pública e transformar-se-á para ti em uma mina de ouro!
 — Que felicidade!
 — Hás de ver! (AZEVEDO, 1947, p. 393).

O esforço hercúleo empreendido por André torna-se, para Teobaldo, simplesmente inútil, fato reforçado pela expressão “[...] aquele oceano de papéis e alfarrábios”, que transmite, ao leitor, a ideia de um amontoado de papéis aleatórios. Em contrapartida, vê-se que o Coruja espera, com sua pesquisa, alçar a uma melhor posição social, na qualidade de tornar-se um escritor e, com isto, sair dos parcos rendimentos que lhe rendia o magistério – o que, mais uma vez, vem a reforçar o discurso da “falência” de tal profissão. Teobaldo, então, na posição de ministro, aproveita-se deste cargo, bem como da ansiedade do amigo, para assegurar-lhe a publicação da obra em andamento: vê-se que, de forma indireta, o uso do processo verbal prometer, na fala de André, seguido da afirmação de Teobaldo traz à tona um discurso do senso comum, para a narrativa, de que os políticos se caracterizam por fazer infinitas juras àqueles que os cercam, ainda que nem sempre haja o desejo de cumpri-las, premissa esta que acaba sendo reforçada, mesmo que indiretamente, pelo desenvolvimento da personalidade de Teobaldo ao longo do romance, tido, várias vezes, como alguém extremamente vaidoso, volátil, ganancioso e insensível aos sentimentos alheios, o que assegura ao romance azevediano, nesse momento, uma forte crítica à recém-nascida república brasileira.

A promessa de Teobaldo não se cumpre e André, que já vivia sob uma condição financeira difícil, vê-se envolto em uma série de problemas: primeiramente, tem rompido seu

noivado com Inezinha; depois, para salvar Teobaldo de uma chantagem, acaba por falir a escola na qual ensinava e era diretor, devido ao não pagamento de um empréstimo bancário; por fim, sai da casa de Teobaldo, por não se sentir mais à vontade com a nova posição político-social do amigo, que, em razão desta, passa a tratá-lo com indiferença, chegando, inclusive, a, por um mal entendido, atirar no Coruja e deixá-lo coxo. Devido a tantas complicações, André vai se tornando, gradativamente, um homem seco, reservado e indiferente à humanidade, tentando odiá-la – ainda que sem obter êxito – o que, ironicamente, o aproxima do caráter de seu amigo político – que, próximo à morte, começa a vislumbrar sua solidão: não tem mais amigos, tampouco a amante, Leonília, sua esposa o odeia, mas, paradoxalmente, sente vontade profunda de amar – de quem outrora era tão distinto.

Quando Teobaldo morre, ocorre uma série de homenagens públicas e André, proibido de entrar, devido à má aparência, acompanha as solenidades à distância. Mesmo magoado e distante do amigo que lhe fizera tão mal, o Coruja, mais uma vez, demonstra-lhe amor:

[...] Chorou muito, até que um fundo cansaço se apoderou dele vultuosamente. Sentia-se como que arrebatado por um sono delicioso; mas caiu logo em si, lembrando-se de que já se fazia tarde e naquele dia, distraído com a morte do amigo, descuidara-se da gente que tinha à sua conta.

E, manquejando, a limpar os olhos com a manga do casaco, lá se foi, rua abaixo, perguntando a si mesmo ‘Onde diabo iria, àquelas horas, arranjar dinheiro para dar de comer ao seu povo?...’ (AZEVEDO, 1947, p. 423).

Aluísio Azevedo assinala, em *O coruja*, duas questões essenciais: a pouca valorização do trabalho, dentro da sociedade brasileira, uma vez que o mesmo será destinado às classes menos abastadas – principalmente, o magistério –, enquanto a elite consegue manter seu *status*, usando dos mais vários expedientes, mantendo, assim, uma estruturada organização bastante colonizada, ainda que o país encontre-se no nascedouro da Primeira República e em meio a uma transição finissecular; a elaboração de um romance psicológico, no qual o herói, André, pela infinita capacidade de amar e ser altruísta, acaba sendo marginalizado, de forma semelhante ao que ocorre em narrativas como *O idiota*, de Dostoiévski. Desta forma, pode-se compreender que o romance azevediano traz, para a realidade brasileira da década de 1890, uma forte crítica política que foi – e ainda é – pouco valorizada por muitos críticos literários, principalmente os presos às questões puramente estilísticas.

Considerações finais

Os estudos de Bakhtin permitiram, à Linguística, um grande avanço, ao estudarem a língua sob uma perspectiva que considerava não apenas seus falantes, mas, também, as condições histórico-sociais nas quais o discurso é (re)produzido e (re)criado. Isso propicia,

também, uma nova leitura da obra literária: ao estudar a obra de Dostoiévski, Bakhtin não a enfocou sob o âmbito da estruturação formal ou historiográfica, mas da arquitetônica artística, conforme destaca Marchezan, no capítulo “Diálogo” (2018, p. 122), presente no livro *Bakhtin: outros conceitos-chave*, organizado por Beth Brait:

A arquitetônica artística denota valores sociais, posicionamentos promovidos pela vida social e em resposta a ela. Para Bakhtin, no caso das obras de Dostoiévski, a polifonia – a forma artística produzida – manifesta uma luta contra a coisificação do homem: ‘Com imensa perspicácia, Dostoiévski conseguiu perceber a penetração dessa desvalorização coisificante do homem em todos os poros da vida de sua época e nos próprios fundamentos do pensamento humano’.

Essa percepção, esse posicionamento, não é expresso à maneira de ensaio, manifesta-se no conteúdo, sim, e também na própria forma artística, na configuração dos heróis, na relação de sua voz com a voz do autor. Segundo Bakhtin, Dostoiévski não objetifica o herói, ‘não fala *do* herói mas *com* o herói’, não confere ao herói uma existência prévia, acabada, una. É como se lhes fossem imputadas uma voz própria e, desse modo, uma existência independente do autor, uma autoconsciência dialogizada, que ‘em todos os seus momentos está voltada para fora, dirige-se intensamente a si, a um outro, a um terceiro’. O herói, o homem, não é objeto de reflexão, de representação, é o ‘*sujeito do apelo*’ (grifos da autora) (MARCHEZAN, 2018, p. 122).

Esta visão do herói, enquanto sujeito, permite, ao leitor, ver a personagem sob uma perspectiva mais humanizada, o que, somado às temáticas e reflexões existenciais, presentes na obra de Dostoiévski, coloca, sob um mesmo plano valorativo, autor e personagens, desconstruindo, assim, a visão hierárquica existente entre ambos, como mostra Elichirigoity (2008, p. 187-188), no artigo *A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana*. O romance, na concepção bakhtiniana, seria um lugar de múltiplas vozes, no qual o conceito de polifonia ganha ênfase, devido aos múltiplos diálogos que as personagens estabelecem entre si como, também, com o próprio narrador-criador, conforme afirmam Guimarães e Sobral (2018), em *O romance polifônico de Dostoiévski*.

Partindo para a realidade brasileira, pode-se inferir que, de maneira análoga ao escritor russo de *O idiota*, Aluísio Azevedo, em *O coruja*, tece um romance de múltiplas vozes, contrapondo o olhar a respeito do trabalho, por meio da constituição das duas personagens principais, Teobaldo e André, o primeiro representando o ócio burguês que, mesmo diante de adversidades financeiras, consegue manter seu *status*, ainda que isso lhe custe um futuro isolamento social, fruto de seu desprezo pelos próximos; o segundo é a alegoria das classes remediadas, que buscam, por meio do trabalho e amor ao próximo, a possibilidade de uma ascensão social que não se efetiva.

Esse herói, André, “O Coruja”, apesar de ter uma aparência física detestável, possui grandes sentimentos, tanto por aqueles de quem se torna próximo – a exemplo do amigo, Teobaldo –, quanto dos que trava relações menos afetivas – como a família de Inezinha,

sendo incapaz de odiar, mesmo quando possui motivos para tanto. O amor torna-se uma patologia para André, o que torna sua adaptação à sociedade muito custosa e permite configurá-lo como um herói de um romance psicológico, categoria já preconizada por Bakhtin, na análise da obra de Dostoiévski e que encontra, no romance brasileiro aqui analisado, uma forte crítica política.

**LEISURE AND OBLIGATION:
DISCOURSES ABOUT WORK IN “O CORUJA”, BY ALUÍSIO AZEVEDO,
AS AN EXAMPLE OF PSYCHOLOGICAL NOVEL**

ABSTRACT : *O coruja* (1890), by Aluísio Azevedo, shows the representation of teaching work and leisure, through two main characters, André and Teobaldo, which different trajectories became evident, over the narrative, by the dialogue; because of the importance of this instrument and understand it inserted in a historical reality, this paper, adopting the concept of psychological novel, from Bakhtin, analyzes how the azevediano narrator problematizes the work question in Brazil and how this is directly related to the social and economical aspects, during the century transition. To base this study, we utilize references from Brazilian Literature Criticism, and Linguistics. The category of psychological novel, used by Bakhtin, corroborates to reflect about the social questions to show that the individuals who, anyway, are marginalized of society, still continues, once that they cannot adapted themselves to the capitalist logical.

KEYWORDS: *O coruja*; Work; Psychological novel; Bakhtin.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O coruja*. 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet CIA Editores, 1947.
- BAKHTIN, Mikhail (1952-1953). *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail (1953). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 5ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- ELICHIRIGOITY, Maria Teresinha Py. A formação do sentido e da identidade na visão bakhtiniana. In: *Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: Literatura, língua e identidade*. Niterói, n. 34, p. 181-206, 2008.
- FANINI, Angela Maria Rubel. *Os romances folhetim de Aluísio Azevedo: aventuras periféricas*. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Editora Ática, 2011.
- GUIMARÃES, Fernanda Taís Brignol; SOBRAL, Adail Ubirajara. O romance polifônico de Dostoiévski: questões de linguagem, dialogismo e gênero. In: *Eutomia*. Recife, 21 (1), p. 185-197, jul. 2018

- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Nas sendas de Bakhtin: dialogismo no microdiálogo, no diálogo composicionalmente expresso e no grande diálogo. *In: XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*, 2014, João Pessoa, PB. *Anais da ALFAL*, 2014. João Pessoa, PB: Editora Ideia, 2014b.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. *Relações dialógicas em narrativas*. 2014a. 338 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.
- MARCHEZAN, Renata Coelho. Diálogo. *In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave*. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2018. p. 115-131.
- MOISÉS, Massaud. Realismo (1881-1902). *In: MOISÉS, Massaud. História da literatura brasileira, volume II: do Realismo à Belle Époque*. 3ª edição. São Paulo: Cultrix, 2016.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. Escritores brasileiros contemporâneos: Aluísio Azevedo. *In: LEVIN, Orna Messer (Org.). Aluísio Azevedo: ficção completa, volume 1*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 2018. p. 94-100.
- PRADO, Antonio Arnoni. Aluísio Azevedo e a crítica. *In: PRADO, Antonio Arnoni. Cenário com retratos: esboços e perfis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 64.
- SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *In: SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. O Naturalismo no Brasil. *In: SODRÉ, Nelson Werneck. O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

Recebido em: 11/05/2021.

Aprovado em: 30/06/2021.